

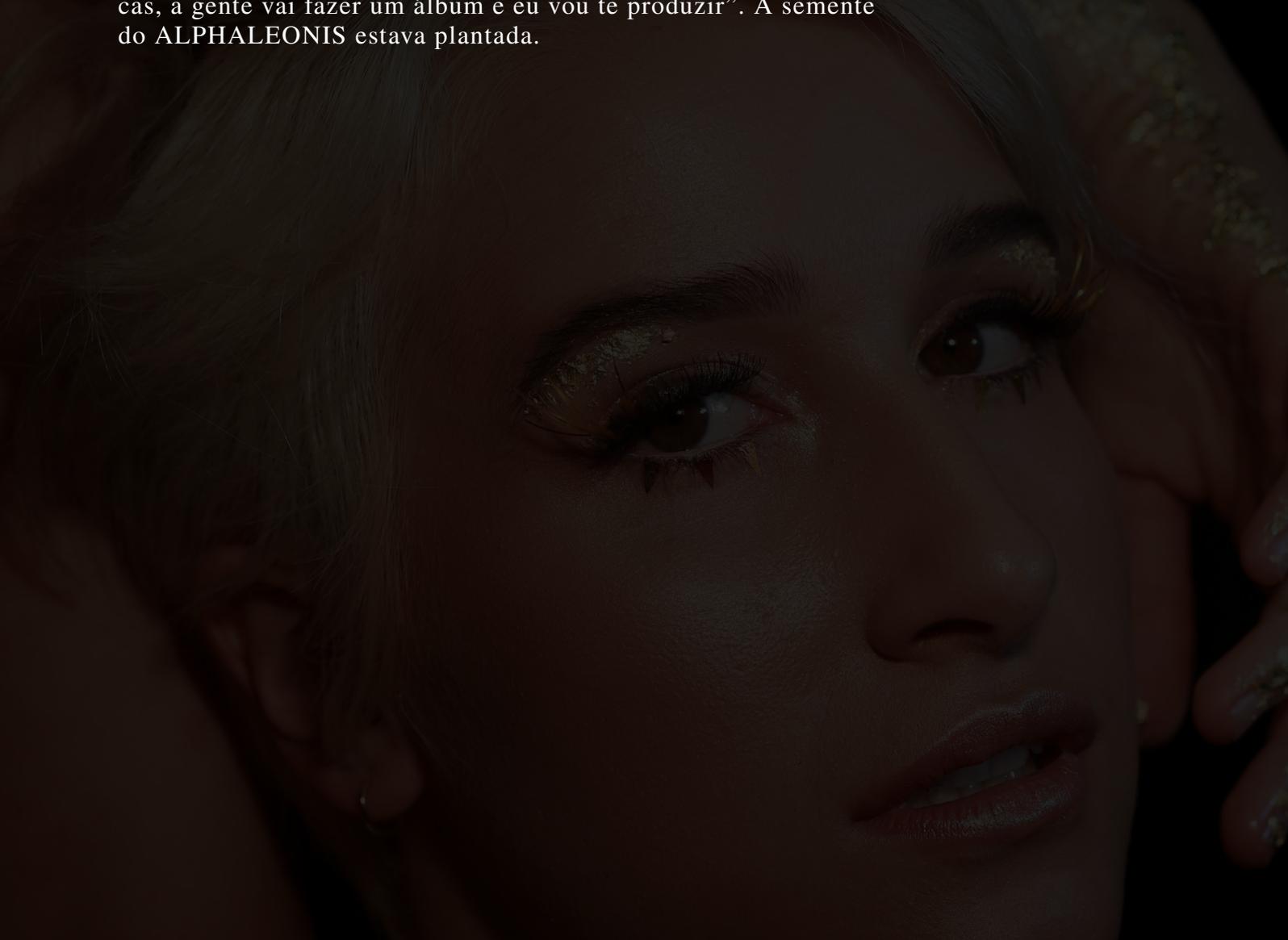
A close-up, artistic photograph of a person's face and hand. The person's lips are slightly parted, showing a bright, shimmering gold leaf lipstick. Their hand is raised, with fingers spread, and is covered in a thick, textured application of gold leaf. The background is dark and out of focus, emphasizing the subject. The overall mood is glamorous and luxurious.

ALPHALEONIS
LYRIC BOOK



Depois que gravamos o clipe e a música “Meu Homem”, eu ouvia de todos os lados que precisava compor mais. Eu queria, mas não achava que eu fosse capaz, imersa que estava no processo caótico do recente término de um relacionamento marcante. Me sentia insegura, sem vivacidade; auto estima abaixo do nível do mar. Toda essa movimentação com “Meu Homem” surgiu como uma forma de me fazer sentir melhor em meio a tudo isso, muito por conta de grandes amigos e amigas estarem botando pilha. Eu escrevia muito, mas não saía música. Até que, em um dia difícil em meados de setembro, acendi uma vela no meu altar para fazer tratata, uma meditação que consiste em olhar fixamente para o fogo ou um objeto, na tentativa de acalmar minha tsunami emocional. Começou a chegar uma melodia na minha cabeça enquanto eu observava a vela, como um canto de sereia. Abri meu caderninho e escrevi o primeiro verso; até hoje não entendi bem o que ele quer dizer. Mas segui sem me julgar, e o lápis foi fluindo fácil entre as lágrimas, como se eu estivesse recebendo os versos e a melodia de algo superior. “Chama” sintetiza toda a dor daquele momento da minha vida: eu vilanizava meu ex, me contava a história da vítima, de que fui usada, enganada, abandonada; mas naquele momento que eu percebi que na verdade, quem tinha realmente me abandonado fui eu. Eu me desrespeitei, me enganei, me anulei concordando em estar num formato de relação que me desagradava; eu que deixei de cultivar plenamente meus talentos e sonhos, que projetei e concentrei toda a minha felicidade e energia num outro ser humano; eu que matei meu amor próprio, que me perdi de mim mesma pelo medo de perder outra pessoa.

Doeu muito ver tudo isso; mas foi nesse mergulho nas minhas sombras que pude encontrar a chave do calabouço. Com a luz da autorresponsabilidade, percebi o poder que tinha em minhas mãos de transformar a minha vida; de me entregar ao fluxo dos acontecimentos e desapegar do que era necessário, entendendo que a essência da vida é impermanente e finita. Poucos dias depois, fui à casa da Renata e ela abriu um jogo de tarô, pro qual perguntei se deveria seguir o caminho da música. As cartas foram todas absolutamente positivas, e uma vela estava acesa na mesa. Em seguida, cantei “Chama” acapella pra Re, a primeira pessoa que a ouviu. Eu estava com vergonha de mostrar pra qualquer pessoa que fosse, achei que ela era meio ruim. Mas a Rê começou a chorar muito e eu fiquei desacreditada. Ela pegou na minha mão e disse: “É o seguinte: trate de escrever mais músicas, a gente vai fazer um álbum e eu vou te produzir”. A semente do ALPHALEONIS estava plantada.



C H A M A

Elemento: Água Arquétipo Associado: Escorpião Momento: Madrugada Fase do Luto: Depressão

Sopro de uma vela incandescente
Vejo as lembranças que carrego na mente
Você que precisa desesperadamente se encontrar
Se não sabe o que quer
Como vai achar
Só vai se enganar
Vai me enganar
Só vai me machucar
Vai nos estragar
Olha eu não sou coisa
Pra você usar

Tento guardar só coisas boas da gente
Mas a dor do fim segue em mim potente
Eu que preciso desesperadamente me encontrar
Se dependo do seu olhar
Como vou brilhar
Eu tenho que me amar
Mais que te amar
Devo te perdoar
Pra me libertar
Olha, eu sei que o tempo
Há de me curar

Não foi culpa de ninguém
Cada um deu o melhor que tem
Se à verdade eu der a voz
Não houve vítima nem algoz
Uma história pra sofrer
Minha mente quer me contar
Mas meu coração vai reconhecer
Que eu mesma me pus nesse lugar
Sopro de uma vela incandescente
Nessa luz me entrego ao momento presente
Eu que preciso desesperadamente aceitar
Que só vai existir em mim
O que eu alimentar
O apego faz queimar
Só faz sufocar
A chama do amar
Tem tempo de durar
Pois tudo que está vivo
Vai se transformar

A close-up photograph of a person's hand, showing the fingers and palm. The skin is a warm, reddish-brown color. Several pieces of gold leaf are applied to the skin, primarily on the palm and fingers. The gold leaf is in various sizes and shapes, some appearing as small flakes and others as larger, more irregular pieces. The lighting is soft, highlighting the texture of the skin and the metallic sheen of the gold leaf.

Eu havia escrito o texto “Sou Rio” em janeiro de 2018, num acesso de inspiração após assistir a um documentário do Sri Prem Baba. Ficou guardado um tempão, mas me lembrava dele com carinho. Até que em abril de 2019, pouco antes do show de estreia da minha carreira musical no Lab Mundo Pensante, eu estava a fuçar meus escritos em busca de inspiração e o reencontrei.

Declamei no show e caiu como uma luva na narrativa do álbum. Comecei a repeti-lo nas demais apresentações, e eu e a Rê achamos prudente colocá-lo no álbum, como um interlúdio poético, que traria a minha atriz/performer para dentro da narrativa

Interpretação e Aatoria MALÚ LOMANDO Sonorização Bowl de Cristal em Lá MALÚ LOMANDO Direção Artística RENATA REIS
Produção Musical, Masterização e Samples CASCA Captação e Mixagem DANIEL SANJINES Gravação ESTÚDIO INVISÍVEL Agradecimentos
Especiais CRIS AMARO (ESPAÇO CONSCIÊNICAL COGNYTUS)

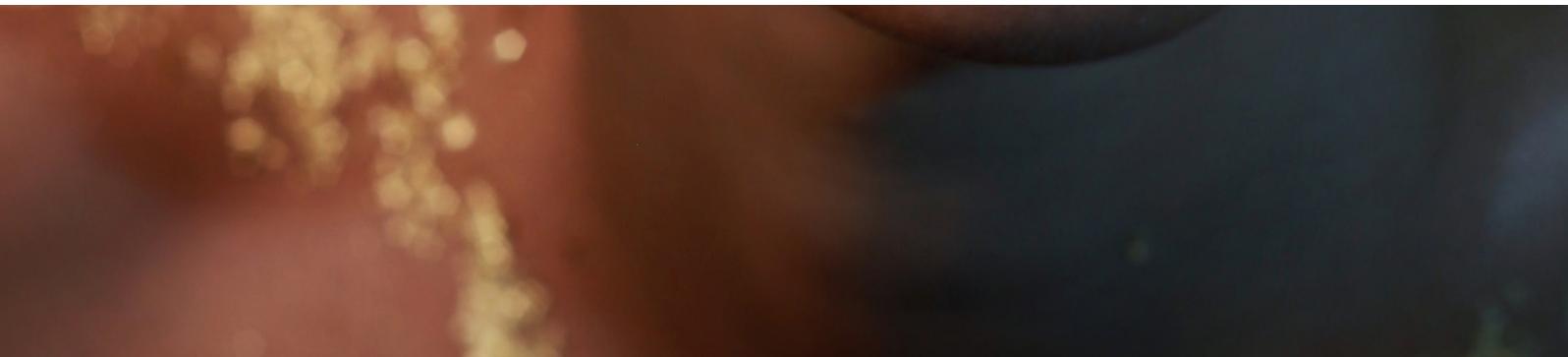
S O U R I O

Sou rio
Eu tenho raízes como as árvores
Eu venho do silêncio do céu
Do alto da montanha
Percorrendo a minha jornada

Sou rio
Sou como o sangue das veias
Por onde eu passo, levo a vida
E deixo um pouco dela
Diversas fontes me abastecem
E eu as redistribuo pelo caminho
Para que possam ser novamente fontes

Sou rio
Veja como eu fluo
A nada me apego
Sempre me transformando
Nunca sou o mesmo
Nunca estou no mesmo lugar
Sou um
E sou tudo.

Sou rio
E se no final eu desaguo no mar
É porque eu sempre fui
Oceano



“Supernova” foi a última faixa desse álbum a ser composta, pouco antes de lançarmos “Meu Homem” em 2019. Queria muito fazer uma música com meu grande parceiro Barroso Eus, e eu sentia falta de uma ponte entre “Chama” e “Estrela” na narrativa. Levei pros nossos encontros um poema que havia escrito inspirada no arquétipo de Câncer, signo de meu ex namorado. O poema corresponde às estrofes que canto sozinha em Supernova, onde eu destrincho os principais simbolismos do carangueijo, da Lua, das emoções, das flores (graciosos gametas das plantas, o sexo), do afeto, das águas (de lago), do que é materno e feminino, da memória - e da fusão. O fenômeno cósmico de uma Supernova acontece quando uma estrela colapsa em seus processos internos de fusão, e essa é a grande metáfora da música: eu havia me fusionado tanto com meu ex que não sabia mais quem era. Esse processo de desfusão diante de um término é extremamente doloroso: uma parte sua precisa de fato morrer, como essa explosão cósmica.

No poema eu também brinco com a lenda, presente em tantas culturas, de que o Sol e da Lua são solitários amantes que nunca se encontram; assim como eu, leonina, o Sol; e meu ex, canceriano, a Lua; que não poderíamos mais estar juntos. O refrão e a melodia foram trazidos muito por Barroso, a partir das discussões que meu poema e nossas histórias pessoais suscitaram em nós. Na cegueira da melancolia, diante de um término marcante, não conseguimos ainda enxergar a quantidade de possibilidades (estrelas) que existem lá fora pra nós. Mesmo com as nuvens, as estrelas estão sempre no céu - e sempre estiveram, nos apontando o caminho. É nossa escolha seguir e acreditar em novas chances, ou permanecer carregando um sentimento moribundo, que respira por aparelhos.



Composição e Voz MALÚ LOMANDO e BARROSO EUS Guitarra CRISTON LUCAS Baixo Acústico CAIO PAMPLONA Bateria IVAN BOOG
Teclados JEFERSON ALMEIDA Direção Artística RENATA REIS Produção Musical e Masterização CASCA Captação e Mixagem DANIEL
SANJINES Gravação ESTÚDIO INVISÍVEL

S U P E R N O V A

Elemento: Ar
Arquétipo Associado: Câncer
Momento: Amanhecer

Que saudade da tua boca
Da tua mão materna que afaga meu pranto
Você comigo quer fusão
Ou confusão
É a flor do encanto
É sexo
Água quente que jorra
Lago secreto
Meu reflexo
Humor mutante
Ser complexo
Me agarra e me prende
O siri circunflexo
De memória crua

Sou o sol, ele a lua
E como a lenda da noite e do dia
Até que o processo se conclua
Não podemos viver em companhia
Brilhamos melhor em solidão

Aqui você não enxerga as estrelas lá fora
São tantas estrelas
Eu aponto um caminho e você vai, você vai
Se quiser você va-a-a-a-ai
Aqui você não sente mais

A dor é infinita
Como os ciclos da vida
Seguimos a órbita
Em rota de colisão
Dois astros do coração

Supernova Câncer e Leão (x3)

Aqui você não enxerga as estrelas lá fora
São tantas estrelas
Eu aponto um caminho e você vai, você vai
Se quiser você va-a-a-a-ai
Aqui você não sente mais (x2)



Essa música nasceu no dia em que eu e a Renata assistimos ao filme “Quando Nasce Uma Estrela”, com Lady Gaga e Bradley Cooper, em meados de Outubro de 2018. O filme conta a história emocionante de uma relação amorosa em meio a uma carreira musical. Saí do cinema completamente transtornada, vários sentimentos emergindo de dentro de mim - tristeza, raiva - e eu fui me abrindo com a Rê aos prantos. Ela me disse: “Por quê você não escreve uma música sobre isso? Sobre essa raiva que você sente? Deixa sair de você, você não precisa ser tão consciente nas suas músicas o tempo todo” - querendo se referir ao fato de que “Chama” é uma música bem cabeçuda e autorresponsável. Mas realmente, é importante entender que também faz parte de ser humana não sentir coisas gostosinhas. E foi um conselho maravilhoso, pois assim que pisei em casa, compus “Estrela” no meu violão. A verdade é que eu sentia muita raiva por ter amado e lutado tanto por uma relação que se desfez contra a minha vontade; por ter sonhado tanto aquela relação e todo um futuro com uma pessoa que por final, optou por seguir outro caminho. “Estrela” me serviu tantas vezes para externalizar tudo isso, de uma forma saudável, e ainda aproveitar a raiva como força motriz para me movimentar em prol da minha própria felicidade e realização pessoal. Afinal, eu agora estava compondo um álbum; prestes a reinventar completamente a minha vida. Foi a partir dessa música que eu e Rê tivemos o insight de todo o conceito e do título do disco. Pesquisamos nomes de estrelas e descobrimos que a mais brilhante da constelação de Leão, meu signo, era a estrela de seu coração; e se chamava Regulus, o pequeno rei, ou ALPHALEONIS. As estrelas são esses corpos celestes, a luz primordial do universo, e nascem a partir do caos - assim como esse álbum, filho de um intenso processo que, através do meu coração, me fez redescobrir minha luz própria.

E S T R E L A

Já faz muito tempo
Eu ainda sinto aqui dentro
A falta que você me faz
E não é besteira
Eu sonhei a vida inteira
Com tudo que você me traz

Mas o nosso amor não te bastou
E tudo bem, eu acho até bom
Vai ter que viver pra enxergar
Como é raro encontrar
A vida vai te escancarar
O valor desse amor
Esse dia vai chegar

E mesmo que você
Nunca venha a acordar
Do seu sono de beleza
Com ou sem você
Eu vou ser muito feliz nessa vida
Eu tenho certeza

Nem sempre a gente fica
Com o amor da nossa vida
Mas isso não vai me derrubar
Farei dessa dor uma dádiva
Vou criar pra me curar
Você vai ver aonde eu vou chegar

Transformar o meu caos em estrela
Na mais brilhante que há... (x2)

Elemento: Fogo

Arquétipo Associado: Leão

Momento: Meio Dia

Fase do Luto: Raiva

A close-up photograph of a person's ear and the side of their face. The person is wearing a gold hoop earring in their earlobe and a gold chain earring in their ear canal. The skin is a warm, golden-brown tone. The background is dark and out of focus.

Assim como “Sou Rio” a “Valsa do Sangue” era um texto antigo, que escrevi para uma cena do meu primeiro espetáculo profissional de teatro, que realizei no final de 2016. Essa cena realmente aconteceu: era meia noite e algo no relógio quando travei em êxtase olhando meu sangue menstrual a dançar na privada; e eu imediatamente o escrevi. Esse texto permaneceu fresco em minha memória; eu sentia que ele ainda serviria pra mais alguma coisa, mas não imaginava ainda pra quê. Acho que eu não tinha maturidade ainda pra entender a sabedoria que ele contém; mais uma evidência de que, como artista, eu sou só canal de algo muito superior à minha limitada experiência. Desde comecei a usar coletor menstrual, substituindo absorventes descartáveis, comecei a criar uma relação mais próxima com meu sangue e com meus ciclos. Pesquisei e comecei a realizar práticas das antigas sociedades matriarcais, nas quais o feminino era símbolo do sagrado, e nosso sangue menstrual, um poderoso instrumento ritualístico. A próxima música do álbum, “Como Eu Deveria Ver As Coisas”, nasceu de uma dessas práticas e me fez entender que era a hora desse texto retornar à superfície. Foi natural ele entrar no ALPHALEONIS. Ele fez parte de todos os show que tenho feito, sempre antes de cantar CEDVAC, pra explicar a história por trás dessa música e para me posicionar sobre a importância do resgate da natureza feminina e cíclica. O nosso sangue não é sujo. É a síntese da vida morte vida: é tudo o que existe, na mais pura potência.

V A L S A D O S A N G U E

Meia noite e algo.
Acabei de fazer xixi
E fiquei parada no meu sangue
Eu fiquei menstruada ontem
E o sangue se misturou com a minha urina
Fiquei parada no meu sangue.
Como fios de tecido
Ele dançava e rodopiava com suas partículas vermelhas
Um belo veludo rasgado
Em frangalhos destruídos,
Pairando na água.
Era absurdamente lindo
Eu me debrucei no vaso para olhar

Meu sangue era delicado e gracioso
Uma parte de mim que agora me deixava
Produzida pelo meu corpo
Mas que seria, em seguida
Sugada pela descarga para nunca mais vê-la.

Era um adeus.
O adeus cotidiano
O morrer diário
Eu morri um pouco com aquele sangue
Com aquele momento que passou
Mas meu sangue é vivo
É vida, é morte
Era eu
Mas podia ser meu filho
Podia ser outra vida.

Mas ainda assim era meu
E mesmo no momento de nossa despedida
Ele fluía, como se valsasse na porcelana branca.
Delirei em pensamentos existenciais
E me abracei

Em qualquer vida e morte
Somos nós
Eu e meu corpo
Eu e meus frutos
E como dou frutos
E como eles são mágicos.

A close-up photograph of a person's face, focusing on the nose and lips. The person has several piercings: a nose ring, a lip ring, and a chin ring. The lighting is soft and warm, with a prominent blue light effect on the left side of the frame, creating a dreamlike atmosphere. The background is dark and out of focus.

Cada música do ALPHALEONIS traz uma qualidade única e incomparável; cada uma me ajudou de um modo muito específico em cada fase desse intenso processo. Mas o que essa música fez por mim, me levou a reconhecê-la como a minha preferida do álbum. CEDVAC foi concebida em novembro de 2018, na ocasião de uma das maiores recaídas depressivas que eu tive desde o término. Eu estava menstruada, e fiz uma prática sagrada que chamamos de “Máscara da Lua”. No banho, passei um pouco do meu sangue menstrual no meu peito e no meu rosto, e meditei com ele, pedindo pelo amor de deus que alguma força superior me tirasse daquela situação porque eu estava muito, muito mal. Eu me lavei e fui deitar. Quando estava prestes a dormir, essa música veio chegando como um telegrama. Sinto que ela veio do mesmo lugar “Chama” - são irmãs que se complementam. Em cerca de 5 minutos ela estava pronta, com melodia e letra. Cantei ela pra mim mesma durante a semana toda, como um mantra; e foi ela que me tirou dessa última grande crise. Ela se chama “Como Eu Deveria Ver As Coisas” porque reflete um mindset de leveza que eu queria ter ao olhar para aquela situação toda, mas não estava conseguindo ainda. Ela me servia de horizonte, me auxiliava na busca, me aliviava da dor. Era como a utopia, de Eduardo Galeano: *La utopía está en el horizonte. Camino dos pasos, ella se aleja dos pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. ¿Entonces para que sirve la utopía? Para eso, sirve para caminar.*

Composição e Voz MALÚ LOMANDO Violão 7 Cordas WELLINGTON SILVA Flauta ANGELA COLTRI Percussão LAGE Bateria FELIPE OLIVEIRA Baixo CASCA Surdo PEU MAURO Trompete LUIZINHO NASCIMENTO Trombone TÔ BERNARDO Saxofone DENYS FELLIPE Backing Vocals BARROSO EUS, GIU MELITO, LEYLLAH DIVA BLACK E RENATA REIS Direção Artística RENATA REIS Produção Musical e Masterização CASCA Captação e Mixagem DANIEL SANJINES Gravação ESTÚDIO INVISÍVEL Agradecimentos Especiais ARTHUR ANDERAOS E GUI RUIZ

COMO EU DEVERIA VER AS COISAS

Elemento: Terra Arquétipo Associado: Sagitário Momento: Pôr do Sol Fase do Luto: Aceitação

Meu bem
Desculpe se eu sinto saudade do que cê já não é
Mudar faz bem
Cê não é obrigado a ser nada do que eu quero
Ou do que eu espero

Meu bem
Se desculpe, partir faz parte da vida em qualquer lugar
Outros virão e irão como tu, colher e plantar
E eu sempre estarei aqui pra me amparar
No que der e vier

E você?
Aonde está pra você mesmo, meu bem?
Vá descobrir esse mundo, há tanto pra ver
Você é tão lindo, merece viver
Que cê seja feliz eu desejo com todo meu ser

Desculpe o quê
Não se preocupe comigo, eu vou ficar mais que bem
Ademais, seria limitar-me dizer
Que você é o amor da minha vida
Se eu ainda não vivi minha vida inteira pra saber
E tô animada pra ver!

(x2)

Laiá, laraiá laiá laiá, laraiá laiá
Laraiá, laiá laiá, laraiá laiá
Laraiá laiá laiá lá laiá
Lalará, lalaiá

E você?
Aonde está pra você mesmo, meu bem? (laiá, laiá)
Vá descobrir esse mundo, há tanto pra ver (laraiá)
Você é tão lindo, merece viver (laraiá)
Que cê seja feliz eu desejo com todo meu ser

Desculpe o quê (lêreiê)
Não se preocupe comigo, eu vou ficar mais que bem (laraiá)
Ademais, seria limitar-me dizer (lereiê)
Que você é o amor da minha vida
Se eu ainda não vivi minha vida inteira pra saber
E tô animada pra ver!

A close-up, profile view of a person's face, focusing on the eye and hair. The person has long, wavy blonde hair. Their eye is heavily made up with dark, shimmering eyeshadow and long, dark eyelashes. A gold-colored, textured highlight is applied to the upper eyelid. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the hair and the intensity of the makeup against a dark background.

Acredito que fazer música é que como colocar um filho no mundo: ela nasce através de você, mas tem vida própria. É livre, incontrolável; deixa de ser sua pra ser dela mesma, do mundo - e encontra outras pessoas, as toca, cria relações com elas e pertence à elas também. Foi o caso dessa música: ela nasceu de Peninha, mas também é de Caetano e de tantxs outrxs - e se tornou minha também. Eu já a conhecia antes do término, mas a Rê me reapresentou-a no dia em que mostrei “Estrela” pra ela pela primeira vez. Ouvia a versão do Caetano aos prantos. O amor livre de ego, tão puro e tão desafiador; a fé inabalável na generosidade da vida... tudo isso me arrebatava. A ressonância que ela tinha com os meus sentimentos e processos era absurda; eu cantei-a junto ao meu repertório autoral em todos os nossos shows. Achamos prudente colocá-la no ALPHALEONIS; e quisemos criar algo completamente diferente de todas as versões já feitas, sempre puxando para a melancolia uma música que fala de um fim com tanta leveza. Queríamos recriar “Sonhos” em celebração, em festa. Esse foi o resultado.

S O N H O S

Tudo era apenas uma brincadeira
E foi crescendo, crescendo, me absorvendo
E de repente eu me vi assim: completamente seu
Vi a minha força amarrada no seu passo
Vi que sem você não tem caminho, eu não me acho
Vi um grande amor gritar dentro de mim
Como eu sonhei um dia

Quando o meu mundo era mais mundo
E todo mundo admitia
Uma mudança muito estranha
Mais pureza, mais carinho
Mais calma, mais alegria
No meu jeito de me dar

Quando a canção se fez mais forte, mais sentida
Quando a poesia fez folia em minha vida
Você veio me contar dessa paixão inesperada
Por outra pessoa

Mas não tem revolta não
Eu só quero que você se encontre
Ter saudade até que é bom
É melhor que caminhar vazio
A esperança é um dom que eu tenho em mim
(Eu tenho sim)

Não tem desespero, não
Você me ensinou milhões de coisas
Tem um sonho em minhas mãos
Amanhã será um novo dia
Certamente eu vou ser mais feliz

Quando o meu mundo era mais mundo
E todo mundo admitia
Uma mudança muito estranha
Mais pureza, mais carinho
Mais calma, mais alegria
No meu jeito de me dar
Quando a canção se fez mais forte, mais sentida
Quando a poesia realmente fez folia em minha vida
Você veio me contar dessa paixão inesperada
Por outra pessoa

Mas não tem revolta não
Eu só quero que você se encontre
Ter saudade até que é bom
É melhor que caminhar vazio
A esperança é um dom que eu tenho em mim
(Eu tenho sim)

Não tem desespero, não
Você me ensinou milhões de coisas
Tem um sonho em minhas mãos
Amanhã será um novo dia
Certamente eu vou ser mais feliz

Mas não tem revolta não
Eu só quero que você se encontre
Ter saudade até que é bom
É melhor que caminhar vazio
A esperança é um dom que eu tenho em mim
(Eu tenho sim)

Não tem desespero, não
Você me ensinou milhões de coisas
Tem um sonho em minhas mãos
Amanhã será um novo dia
Certamente eu vou ser mais feliz



Foto PAOLA VESPA Beleza ANGEL PIRES Tratamento de Foto GABRYEL MATOS E MALÚ
LOMANDO Design Gráfico FERNANDO VILELA

